

A Pandemia e a centralidade da política na resposta europeia

The European Response to the Pandemic and the Centrality of Politics

Paulo Vitorino Fontes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1443-6820>

Resumo

O artigo analisa o impacto da Pandemia causada pelo SARS-CoV-2 nos sistemas socioeconómicos e políticos das nossas sociedades, suas consequências e potencialidades. Será explorada a centralidade da política nas nossas vidas, quando o futuro permanece em aberto. Poderá a Europa sair mais forte da crise? Teremos uma Europa mais coesa, mais resiliente e mais sustentável? A partir destas interrogações propomos uma reflexão crítica sobre a resposta europeia à Pandemia.

Palavras-chave: COVID-19, Pandemia; Mudança, Política, Europa.

Abstract

This article analyzes the impact the Pandemic caused by SARS-CoV-2 has caused in the socioeconomic and political systems of our societies, along with its consequences and potentialities. It will explore the centrality of politics to people's lives when the future remains unknown. It will further ask whether Europe will be able to emerge from the crisis stronger than before and if so, if this Europe will be more cohesive, resilient, and sustainable. It is based on these questions that we propose a critical reflection on the European response to the Pandemic.

Keywords: COVID-19, Pandemic, Change, Politics, Europe.

1. Introdução

Vivemos um tempo de pandemia mundial declarada pela Organização Mundial de Saúde a 11 de março de 2020, provocado pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, des-

coberto na China em dezembro de 2019 e que rapidamente se alastrou a todo o mundo. De forma abrupta, tivemos de parar, mudar as rotinas, confinarmo-nos nas nossas casas, fazer quarentena. O Isolamento e a distância social impuseram-se nas relações sociais e profissionais.

Vivemos num tempo de pandemia, com incerteza constante da ciência e da política que se traduz em horizontes de sentido muito curtos, aumentando a ansiedade e o medo. Ao mesmo tempo que o poder político ganha uma nova centralidade, ao nos colocar quase todos e todas em confinamento social e ao paralisar vários sectores da economia. No entanto, a política parecia impotente diante da crise climática, dos mercados financeiros e do aumento das desigualdades sociais. Subitamente, vemos que uma ação política eficaz é possível. Novas aprendizagens são retiradas desta pandemia, afinal, existem alternativas. Estamos num momento histórico em que o futuro está em aberto. Que Europa teremos no futuro? Poderá a Europa sair mais forte da crise? Teremos uma Europa mais coesa, mais resiliente e mais sustentável? A partir destas interrogações e desafios propomos uma reflexão crítica sobre a resposta comum da Europa ao surto do COVID19.

2. A Pandemia e as suas interrogações

O tempo que vivemos, de alguma forma suspenso, é tempo de crise, de ansiedade e de disrupção. Esta desaceleração do tempo convoca-nos a repensar as prioridades das sociedades em que vivemos, a olhar para novos desafios sociais e políticos que se colocam, que aqui pretendemos explorar e contribuir para antecipar mudanças sociais e propor novos modos de intervenção social e política.

Para Hartmut Rosa¹⁷, um freio fenomenal foi dado à louca mecânica da nossa modernidade. Percebe-se a importância do poder político. Pois só este tem condições de mudar radicalmente uma realidade, como vimos, fechando escolas, paralisando transportes, fechando comércio e serviços e confinando a quase totalidade da população. Em entrevista ao jornal *Libération*, ele considera que a “(...) desaceleração espetacular que estamos vivendo é o resultado de uma ação política. No entanto, a política parecia impotente diante da crise climática, dos mercados financeiros e do aumento das desigualdades sociais. De repente, vemos que uma ação política eficaz é possível!”¹⁸

Como Rosa salienta: “nenhum modelo económico ou sociológico, nenhuma ciência futura pode prever como iremos continuar, se iremos voltar ao antigo modelo

¹⁷ R ROSA, H.- Nous ne vivons pas l'utopie de la décélération. Entretien par Anastasia Vécrin, *Libération*, [On-line], April 22, 2020. [Retrieved April 4, 2020], from: https://www.liberation.fr/debats/2020/04/22/hartmut-rosa-nous-ne-vivons-pas-l-utopie-de-la-deceleration_1786079

¹⁸ ROSA - Nous ne vivons pas ..., p. 1

ou encontrar novas ideias e soluções, sobretudo para a crise climática. Tudo é uma questão de ação política.”¹⁹ Vivemos um momento histórico em que o futuro está aberto.

Que mundo a pandemia vai gerar? Será um mundo mais justo?

Para o linguista e filósofo Noam Chomsky temos escolha. Mas quem vai decidir é o poder político. Em entrevista recente, Chomsky sintetiza o desafio:

Em que tipo de mundo nós queremos viver? Se superarmos de qualquer forma haverá opções. O alcance das opções vai da instalação de Estados altamente autoritários por todas as partes até a reconstrução da sociedade em termos mais humanos, preocupadas com as necessidades humanas ao invés do lucro privado.²⁰

Para Chomsky,²¹ o caldo de cultura desta pandemia é o capitalismo exacerbado pelo neoliberalismo. E lembra, que em 2003 ocorreu uma enorme epidemia de coronavírus, muito semelhante à atual, que foi contida. Os cientistas alertaram, da mesma forma que fazem agora, de que viria outra. Mas não basta sabê-lo, é preciso fazer algo. Quem poderia ter feito algo? As farmacêuticas, responde Chomsky, que estavam recheadas de recursos por mecanismos neoliberais, mas estavam bloqueadas pelo capitalismo. Prevenir algo que ocorrerá em dois anos não dá lucro.

As autoridades públicas e os sistemas de saúde foram apanhados com graves deficiências em quase todos os países. Quarenta anos de neoliberalismo na América do Norte e do Sul e na Europa deixaram a população totalmente exposta e mal preparada face a uma crise de saúde pública deste tipo, mesmo que anteriores surtos de SARS e Ébola tivessem sido alertas e lições sobre o que tinha de ser feito.

As grandes empresas farmacêuticas têm tido pouco ou nenhum interesse pela investigação pouco lucrativa no combate às doenças infecciosas, tal como toda a classe de coronavírus que tem sido conhecida desde os anos 1960. A grande indústria farmacêutica raramente investe na prevenção. Tem pouco interesse em investir na preparação contra uma crise sanitária, tal como têm descurado a investigação em áreas menos rentáveis, como as infeções hospitalares e as super-bactérias, que tantas mortes têm causado. A prevenção não cria valor para o acionista. O modelo de negócio aplicado à provisão de saúde pública eliminou as capacidades de reserva que seriam necessárias numa emergência. A prevenção nunca foi um campo apetecível para parcerias público-privadas.

¹⁹ ROSA - Nous ne vivons pas ..., p. 6

²⁰ CHOMSKY, N. - Coronavírus é algo sério o suficiente, mas há algo mais terrível se aproximando. Entrevista por Srecko Horvat. Diálogos do Sul. [On-line], April 6, 2020, p. 9. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63998/chomsky-coronavirus-e-algo-serio-o-suficiente-mas-ha-algo-mais-terrivel-se-aproximando>.

²¹ CHOMSKY, N. - Se não conseguirmos um ‘Green New Deal’, ocorrerá uma desgraça. Entrevista por Marta Peirano. El País. [On-line], May 17, 2020. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://brasil.elpais.com/ideias/2020-05-17/noam-chomsky-se-nao-conseguirmos-um-green-new-deal-ocorrera-uma-desgraca.html>.

O ritmo incessante da acumulação do capital não se coaduna com o aprovisionamento e capacidade que os serviços de saúde deveriam ter, em lidar com uma pandemia como esta.

Nos Estados Unidos, o presidente Trump cortou os financiamentos do Centro para o Controlo de Doenças e desmantelou o grupo de trabalho sobre as pandemias no Conselho Nacional de Segurança, com a mesma orientação que levou ao corte de todos os fundos para investigação científica, incluindo sobre as alterações climáticas.

Mas será que alguém ousa dizer que o problema está no sistema capitalista?

Ou como questiona Rosa, será que a desaceleração histórica que vivemos, consequência da epidemia de COVID-19, poderá ser o primeiro passo para a cura das patologias da modernidade capitalista?

Para José Gil, filósofo português, “este período de luta pela sobrevivência física não gerou até agora nenhum sobressalto político ou espiritual, nenhuma tomada de consciência da necessidade de mudar de vida. Não gerou esperança no futuro.”²²

Pelo contrário, salienta Gil, há que ter em conta os perigos de uma nova expansão do capitalismo. O confinamento universal e a reativação de modos de vida, que eram considerados ineficazes, provocam a formação de novas subjetividades, que serão mais adaptadas à economia global em que vivemos. A digitalização total dos serviços, a generalização do teletrabalho e a virtualização das deslocações e das relações sociais terão consequências profundas na sociedade. Pelo que Gil defende a seguinte ideia:

a pandemia será o agente mediador da passagem de uma fase histórica do capitalismo (o capitalismo industrial-financeiro) – cada vez mais perturbada e caótica, cada vez menos viável no contexto geral da sociedade e do Estado – para uma outra fase em que se procuram os ajustamentos necessários entre as exigências económicas e as subjetividades que, em todos os domínios, do teletrabalho às práticas de lazer, lhes correspondam adequadamente.²³

Será a etapa do capitalismo digital, que já está inscrita na dinâmica imparável do capitalismo, a estabelecer-se de uma forma abrupta?

Para Philip Mirowski²⁴ o pós-pandemia não será favorável ao modelo de sociedade defendido pela esquerda, e que agora parece mais necessário, pois veremos uma aceleração das medidas neoliberais. O filósofo considera que nos dirigimos a um

²² GIL, J. - A pandemia e o capitalismo numérico. Público, [On-line], April 12, 2020, p. 4. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://www.publico.pt/2020/04/12/sociedade/ensaio/pandemia-capitalismo-numerico-1911986>.

²³ GIL. A pandemia e o ..., p. 5.

²⁴ MIROWSKI, P. - L'après ne sera pas favorable à une société de gauche, mais à une accélération des mesures néolibérales. Entretien par Nicolas Celnik. Libération. [On-line], April 28, 2020. [Retrieved May 20, 2020], from: https://www.liberation.fr/debats/2020/04/28/l-apres-ne-sera-pas-favorable-a-une-societe-de-gauche-mais-a-une-acceleration-des-mesures-neoliberal_1786730

momento de estabilização da plutocracia, ou seja, um pequeno grupo de pessoas muito ricas vai se apoderar de um imenso poder. Pelo que antevê o surgimento de um mercado ainda menos regulado, uma indústria farmacêutica cada vez mais forte e o crescimento dos discursos populistas.

Voltando a Chomsky, que também não é otimista em relação ao futuro, o autor lembra que estamos cada vez mais perto de catástrofes planetárias como a guerra nuclear e o agravamento do aquecimento global.

A essas duas ameaças, Chomsky junta o problema da deterioração da democracia. Este problema não está sendo debatido nos Estados Unidos nem na Europa, mas, segundo o crítico norte-americano, é a única esperança que se antevê para superar a crise. A ideia central é as pessoas terem controlo do seu destino, ao invés de estarem subordinadas aos insondáveis interesses conduzidos por políticos sociopatas.

Por sua vez, Roberto Aramayo²⁵ recorda-nos “os prodígios de nossa fragilidade”, ou seja, o “Covid-19 recorda-nos que não somos deuses (e é uma boa notícia)”. Esta pandemia global, que colocou grande parte da população mundial em quarentena, fechou fronteiras e paralisou economias, mostra-nos a nossa fragilidade como espécie e a nossa mútua interdependência. Se as desordens das mudanças climáticas já o assinavam, agora a mensagem é mais redundante. Percebemos que não estamos preparados para qualquer contingência, como muitas vezes parece crer a presunção humana naopotência tecnológica.

Por outro lado, Aramayo²⁶ alerta-nos para a existência de um abismo político sob os nossos pés. “A hegemonia do pensamento único ultraneoliberal” afirmado principalmente após a queda do Muro de Berlin em 1989 tem imposto determinados critérios económicos, independentemente das suas consequências na coesão social. Tem se desmantelado o Estado de bem-estar, com políticas que desinvestem, sistematicamente nas últimas décadas, em sectores fundamentais, como a saúde e a educação. As consequências estão à vista de todos e os argumentos diluem-se perante a solidez da realidade.

Esta pandemia também evidencia uma nova desigualdade social e uma nova luta de classes: se por um lado, há quem possa ficar em casa em teletrabalho ou estudar a partir de casa, por outro, há quem perde o seu trabalho ou encerra a sua atividade ou negócio.

David Harvey²⁷ chama a atenção para o mito conveniente de que as doenças infecciosas não conhecem classes ou barreiras sociais. Apesar de haver aqui alguma ver-

²⁵ ARAMAYO, R. - COVID-19 nos recuerda que no somos dioses (y es una buena noticia). The Conversation, [On-line], May 10, 2020, p. 1. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://theconversation.com/covid-19-nos-recuerda-que-no-somos-dioses-y-es-una-buena-noticia-137128>

²⁶ ARAMAYO, R. - COVID-19 nos recuerda..., p. 2.

²⁷ HARVEY, D. - Anti-Capitalist Politics in the Time of Covid-19. Jacobin, [On-line], nº 37, Spring, 2020, p. 13. [Retrieved May 17, 2020], from: <https://jacobinmag.com/2020/03/david-harvey-coronavirus-political-economy-disruptions>

dade, torna-se evidente que os efeitos sociais e de classe contam uma história diferente. Os impactos sociais e económicos são filtrados através de discriminações “tradicionais”, justificadas em sucessivas ordens normativas, que se podem perceber em toda a sociedade. Para começar, a força de trabalho que deve tomar conta do número crescente de doentes é tipicamente muito genderizada, racializada e etnicizada em muitos lugares do mundo. Espelha a condição de classe da força de trabalho que encontramos, por exemplo, nos aeroportos e em outros setores logísticos, tão emblemáticos da fase atual do sistema mundial. Para além de que esta “nova classe trabalhadora” está na linha da frente e suporta o risco de contrair o vírus nos seus trabalhos, ou de sofrer o lay-off sem recursos, dado o efeito económico provocado pelo vírus.

3. A resposta política europeia

Nestes tempos de pandemia, se alguma coisa permanece certa, é a grande incerteza em que vivemos, por estarmos a lidar com problemas novos, impensados pela maior parte das pessoas e que nos obrigam, coletivamente e individualmente, quase a um ritmo diário, a tomar decisões e a reorientar a nossa ação. Sobem os níveis de ansiedade e de sofrimento social.

Ao nível político, acima de tudo, a pandemia é um teste à legitimidade de qualquer governo, como afirmou Sven Biscop,²⁸ embora não necessariamente para o sistema político como tal. Estará o nosso governo preocupado com a nossa saúde e será capaz de nos proteger? Esta questão é central nas democracias e os governos que não agirem com prontidão e de forma decisiva poderão perder as próximas eleições.

A União Europeia terá oportunidade de fazer melhor do que fez após a crise financeira de 2008 e proteger os seus cidadãos e cidadãs em vez de socorrer apenas os bancos. Nesse momento crucial, quando enfrentamos uma pandemia e um eminente colapso climático, importa perceber que Europa teremos no futuro? Poderá a Europa sair mais forte da crise? Teremos uma Europa mais coesa, mais resiliente e mais sustentável?

No Discurso sobre o estado da União²⁹ proferido pela Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen na sessão plenária do Parlamento Europeu, em

²⁸ BISCOP, S. - Coronavirus and Power: The Impact on International Politics. Security Policy Brief, [On-line], nº 126, EGMONT-Royal Institute for International Relations, March, 2020. [Retrieved September 10, 2020], from: <https://www.egmontinstitute.be/content/uploads/2020/03/SPB126-sven-corona-260320.pdf?type=pdf>

²⁹ LEYEN, Ursula von der. - Discurso sobre o estado da União. [On-line], Bruxelas, 16 de setembro. September 16, 2020. [Retrieve October 2, 2020], from: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/ov/SPEECH_20_1655

Bruxelas, no dia 16 de setembro de 2020 foram apontados vários objetivos para construir uma União Europeia mais forte e coesa.

O primeiro desígnio é construir uma união mais forte no domínio da saúde, a partir da aprendizagem com esta crise sanitária. Como primeira medida, propôs um maior reforço e capacitação da Agência Europeia de Medicamentos e do centro de prevenção e controlo das doenças.

Numa segunda fase, será criado um organismo europeu de investigação e desenvolvimento avançados no domínio biomédico. Este novo organismo apoiará as nossas capacidades para responder às ameaças e emergências transfronteiriças, independentemente de terem uma origem natural ou humana. Precisamos constituir reservas estratégicas para suprir as insuficiências da cadeia de abastecimento, nomeadamente quanto aos produtos farmacêuticos.

Outro objetivo é a Proteção dos trabalhadores e das empresas em relação a choques externos. Neste sentido, a Comissão criou o programa *SURE / ESM Pandemic Crisis Support / EIB Guarantee Fund for Workers and Businesses*, em que a rapidez e união de esforços permitirá, em breve, que 16 países venham a receber quase 90 mil milhões de euros a título deste programa em apoio aos trabalhadores e às empresas. É um programa que expressa a solidariedade europeia em ação.

De forma a evitar o dumping salarial e a salvaguardar a dignidade do trabalho, Comissão pretende apresentar uma proposta legislativa para ajudar os Estados-Membros a criar um quadro europeu para o salário mínimo.

A segunda promessa da economia social de mercado é a estabilidade. Pela primeira vez na história, a Comissão decidiu acionar de imediato a cláusula de derrogação de âmbito geral. Flexibilizaram as normas quanto aos fundos europeus e aos auxílios estatais. Autorizaram que fossem disponibilizados mais de 3 biliões de euros de apoio às empresas e à indústria: desde os pescadores da Croácia aos agricultores gregos, desde as PME italianas aos trabalhadores independentes da Dinamarca. O Banco Central Europeu tomou medidas decisivas através do seu programa de compras de emergência por pandemia (PEPP). A Comissão propôs o programa *NextGenerationEU* e um orçamento renovado em tempo recorde. Combinou, assim, o investimento com as reformas necessárias. O Conselho aprovou-o em tempo recorde. O Parlamento esforçou-se por votá-lo o mais rapidamente possível. Pela primeira vez, a título excepcional, a Europa criou os seus próprios instrumentos comuns para complementar os estabilizadores orçamentais nacionais. Tratou-se de um momento de unidade notável para a União Europeia, como sublinhou Ursula von den Leyen.³⁰

No entanto, com o agravamento da pandemia, as economias precisam de apoio político permanente e, a longo prazo, não há outra forma de assegurar a estabilidade

³⁰ LEYEN, Ursula von der. - Discurso sobre ...

e a competitividade que não seja através de uma União Económica e Monetária mais forte. Aqui, importa, aproveitar a oportunidade para proceder a reformas estruturais nas nossas economias e concluir a União dos Mercados de Capitais e a União Bancária.

Outra grande prioridade prende-se com a natureza a regressar às nossas vidas, como sublinhou Ursula von der Leyen,³¹ pois sabemos que a mudança é necessária e é possível. O Pacto Ecológico Europeu é o plano para operar essa transformação. A missão é tornar a Europa no primeiro continente climaticamente neutro até 2050. Para tal, será revista toda a legislação europeia em matéria de clima e energia, modernizando de uma forma sistémica toda a sociedade, a indústria e a economia. Este plano implica uma mudança total das nossas vidas e das nossas sociedades que não são sustentáveis. Trata-se de um plano de investimento ambicioso.

O último grande objetivo é estabelecer um plano comum para a Europa digital com objetivos até 2030. Pretende-se que Europa assuma a liderança neste processo e não dependa das normas que outros estabeleceram. Para isso, pretende-se atuar em três domínios: criar uma verdadeira economia de dados; apostar na tecnologia, com destaque para a inteligência artificial e apostar nas infraestruturas, pois constituem uma enorme oportunidade e são um pré-requisito essencial para a revitalização das zonas rurais.

Esta orientação política trará implicações concretas nas políticas públicas da União Europeia e altera o ciclo de políticas públicas da União Europeia anterior à pandemia.

Se recuarmos ao início de 2020, ao tempo anterior à pandemia, percebemos que a União Europeia iniciou um novo ciclo de políticas públicas de forma a fazer face aos desafios da nova década. Este ciclo inclui a Política de Coesão 2021-2027, o Pacto Ecológico Europeu, o Plano Europeu para a Economia Circular, a Estratégia Digital Europeia, o Pilar Europeu dos Direitos Sociais, a Agenda Territorial 2030, a Estratégia Industrial Europeia e o Mecanismo Europeu para uma Transição Justa.

As principais prioridades estratégicas da União Europeia no início de 2020 situavam-se nas áreas da globalização, demografia, migração, meio ambiente, mudança climática, segurança e defesa, emprego e digitalização da economia e da sociedade. Estas prioridades apresentam uma crescente complexidade ao nível da sua implementação à escala regional e local e expressam um alto potencial de rentabilidade por meio de abordagens multipolíticas e transpolíticas, que assumem uma relevância significativa em termos da capacidade de responder a amplos desafios sociais.³²

³¹ LEYEN, Ursula von der. - Discurso sobre ...

³² NETO, P., Serrano, M. M. and Santos, A. Policy Cycle of the Urban Agenda for EU and Its Effects on Territorial Cohesion. Urban Book Series, [On-line], 2019, pp. 153-172 [Retrieved September 5, 2020], from: <https://www.springerprofessional.de/en/debating-the-urban-dimension-of-territorial-cohesion/16344024?fulltextView=true>

No entanto, o presente contexto de pandemia de COVID-19 tem causado profundas mudanças nos elementos essenciais da política europeia. Estão incluídas tanto as respostas mais estreitamente ligadas à pandemia, no âmbito da saúde pública e da proteção civil, como outras mudanças na economia, no emprego e na mobilidade social. Muitas das prioridades estratégicas definidas pela União Europeia no fim de 2019 são agora reformuladas e adaptadas ao novo contexto. Aquilo que era tido como garantido até janeiro de 2020 e que projetava um novo ciclo de políticas públicas para a Europa, deixou de o ser e sofre agora profundas mudanças.

Neste sentido, a pandemia do COVID-19 tornou-se central no quadro de políticas da União Europeia, quando esta assume o desígnio de trazer de volta as pessoas e os territórios para o centro das políticas públicas.³³ Sabemos que nem sempre foi essa a prioridade, quando a eficácia e a eficiência falavam mais alto. Hoje, após uma fase inicial de mitigação dos efeitos da pandemia, a União Europeia está a reformular as suas linhas orientadoras para um novo modelo de desenvolvimento.

Considerações finais

Para podermos imaginar um novo horizonte político, não podemos descurar a nossa responsabilidade pessoal e intransmissível, de contribuirmos com as nossas mudanças e ações para um mundo sempre melhor.

Tal como nos recorda o corona vírus, nós somos muito frágeis, mas essa fragilidade permite orientar os caminhos do nosso destino comum. Pelo que somos os autênticos artífices do nosso destino social. O nosso pior inimigo somos nós próprios, quando a prepotência nos afasta e oculta o quanto necessitamos uns dos outros.

Podemos ter a ocasião de fazer uma revolução nas nossas vidas. Esta pandemia pode ser uma ocasião de rever a nossa hierarquia de valores, mudar a nossa mentalidade e vencer as inércias. Para tal há que tomar as rédeas do nosso destino coletivo e ver a nossa interdependência, não como uma desvantagem, mas como uma oportunidade. A pandemia pode ser a ocasião de modificar nossos hábitos, tantos os dietéticos como os higiénicos, desde a massificada forma de viajar e de consumir, às relações que mantemos com os outros e connosco próprios, até aos costumes em geral e às ordens normativas de justificação onde pode ser sustentada uma nova normatividade social.

Ao nível da política internacional, a crise provocada pela pandemia do corona vírus pode ser uma oportunidade para União Europeia fortalecer a governança global em áreas como a saúde e de reduzir e reorganizar a interdependência com a China

³³ NETO, P. - Bringing people back to the center of public policies. Economic and political Dynamics emerging from the Covid-19 pandemic. Communication in International Colloquium Politics and Pandemics: Transdisciplinary Views on Dilemmas of the Earthly City. University of Évora. 4-6 de novembro, 2020.

e outros países numa base mais equilibrada. Mas os assuntos internos serão os mais importantes: as instituições da União Europeia, assim como dos Estados-Membros deverão abandonar o objetivo último do orçamento equilibrado e focarem-se no investimento produtivo e na justiça social. Como sublinhou Biscop,³⁴ a integração europeia deve retornar às suas raízes. Os fundadores da Comunidade Económica Europeia também foram os fundadores do Estado Social e eles sabiam que apenas os dois juntos poderiam garantir paz e estabilidade. Se a pandemia poder ajudar a Europa a redescobrir esta verdade que muitos esqueceram, então a crise não terá sido em vão.

Referências Bibliográficas

ARAMAYO, R. - COVID-19 nos recuerda que no somos dioses (y es una buena noticia). *The Conversation*, [On-line], May 10, 2020. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://theconversation.com/covid-19-nos-recuerda-que-no-somos-dioses-y-es-una-buena-noticia-137128>

BISCOP, S. - Coronavirus and Power: The Impact on International Politics. *Security Policy Brief*, [On-line], nº 126, EGMONT-Royal Institute for International Relations, March, 2020. [Retrieved September 10, 2020], from: <https://www.egmontinstitute.be/content/uploads/2020/03/SPB126-sven-corona-260320.pdf?type=pdf>

CHOMSKY, N. - Se não conseguirmos um ‘Green New Deal’, ocorrerá uma desgraça. Entrevista por Marta Peirano. *El País*. [On-line], May 17, 2020. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-05-17/noam-chomsky-se-nao-conseguirmos-um-green-new-deal-ocorrera-uma-desgraca.html>

CHOMSKY, N. - Coronavírus é algo sério o suficiente, mas há algo mais terrível se aproximando. Entrevista por Srečko Horvat. *Diálogos do Sul*. [On-line], April 6, 2020. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/63998/chomsky-coronavirus-e-algo-serio-o-suficiente-mas-ha-algo-mais-terrivel-se-aproximando>

GIL, J. - A pandemia e o capitalismo numérico. *Público*, [On-line], April 12, 2020. [Retrieved May 5, 2020], from: <https://www.publico.pt/2020/04/12/sociedade/ensaio/pandemia-capitalismo-numerico-1911986>

HARVEY, D. - Anti-Capitalist Politics in the Time of Covid-19. *Jacobin*, [On-line], nº 37, Spring, 2020. [Retrieved May 17, 2020], from: <https://jacobinmag.com/2020/03/david-harvey-coronavirus-political-economy-disruptions>

MIROWSKI, P. - L’après ne sera pas favorable à une société de gauche, mais à une accélération des mesures néolibérales. Entretien par Nicolas Celnik. *Libération*. [On-line], April 28, 2020. [Retrieved May 20, 2020], from: https://www.liberation.fr/debats/2020/04/28/l-apres-ne-sera-pas-favorable-a-une-societe-de-gauche-mais-a-une-acceleration-des-mesures-neoliberal_1786730

NETO, P. - Bringing people back to the center of public policies. Economic and political Dynamics emerging from the Covid-19 pandemic. Communication in *International Colloquium Politics and Pandemics: Transdisciplinary Views on Dilemmas of the Earthly City*. University of Évora. 4-6 de novembro, 2020.

NETO, P., Serrano, M. M. and Santos, A. Policy Cycle of the Urban Agenda for EU and Its Effects on Territorial Cohesion. Urban Book Series, [On-line], 2019, pp. 153-172 [Retrieved September 5, 2020], from: <https://www.springerprofessional.de/en/debating-the-urban-dimension-of-territorial-cohesion/16344024?fulltextView=true>

ROSA, H.- Nous ne vivons pas l’utopie de la décélération. Entretien par Anastasia Vécrin, *Libération*, [On-line], April 22, 2020. [Retrieved April 4, 2020], from: https://www.liberation.fr/debats/2020/04/22/hartmut-rosa-nous-ne-vivons-pas-l-utopie-de-la-deceleration_1786079

Ursula von der Leyen. Discurso sobre o estado da União. [On-line], Bruxelas, 16 de setembro. September 16, 2020. [Retrieve October 2, 2020], from: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/ov/SPEECH_20_1655

³⁴ BISCOP, S. - Coronavirus and Power ..., p. 3.